CORAÇÃO DE MENINO

João Jacques

De um escritor é natural que se analise, preferencialmente, a obra, revolvendo-a sob as lentes da crítica filosófica ou simplesmente literária.

Não sei se mais fácil esse trabalho, que é feito à vista do palpável, tendo em mãos o produto do que o de investigar o produtor, que é ressalvada a distância teológica, um criador de mundos e de humanidades.

Propendo para cá, ou seja, para dizer que a tarefa de estudar e de entender as causas é bem mais profunda, embaraçosa e problemática do que a de aquilatar os efeitos.

O homem é um pequenino deus a sondar-lhe os mistérios de aquilatar os efeitos.

Em havendo que externar algo sobre um homem do porte intelectual de Gustavo Barroso, quando vem de comemorar o seu jubiloso e jubilar ingresso no mais avançado quartel da existência — setenta janeiros bem vividos — nem me abalanço a discorrer sobre seus livros, que já montam a mais de uma centena, nem sobre o seu espírito propriamente dito de cintilâncias raras e de arcanos inacessíveis.

O modesto e coerente, no meu caso, é cingir-me ao trivial ou a informações de bolso sobre o autor de *Terra de Sol*. Nada como falar sobre o que se sente, sem forçar grandes vôos com asas de Ícaro.

O testemunho consciente, o depoimento espontâneo, a opinião em ato reflexo, para não dizer em reação instintiva, vale muito de qualquer modo, e de sua teia, entrelaçada a outras, é que se urde o pano de fidelíssimas biografias ou se trama a verônica dos idealistas e dos estetas...

Gustavo Barroso deverá ser mais conhecido na intimidade para melhor compreenderem-se sua obra e seus sentimentos.

Não ousaríamos afirmar, no terreno da psicologia aplicada que o insigne historiador tenha duas personalidades distintas, uma delas, como geralmente ocorre, passível de terapêutica anulatória. Mas a verdade é que nele coexistem dois estados de alma ou duas atitudes individualizantes, sem bifrontismos: a do cultor do passado e a do eterno poeta: a do pontífice das letras nacionais, que se impõe as vestes talares para o rito solene e a da criança ou jovem que, mesmo na languidez da grande tarde, não perde a vivacidade, o calor benéfico das auroras, a força, o ímpeto e o idealismo dos primeiros anos, dos primeiros espantos, da primeira embriaguez, do noivado com a vida...

Gustavo Barroso escreveu bastante e ainda continua escrevendo. Mas não perdeu aquele jeito de colegial que regressa das férias, sangrando de saudade e entra em aula doido por que voe o tempo letivo. Pelo seu gosto estaria brincando no sítio Jurucutuoca. Se pudesse escolher do novo, renunciaria à Academia Brasileira de Letras em favor de Fortaleza de antanho, irrigada pelo Pajeú e cheia das sombras dos mangueirais nativos.

É de vê-lo como se derrama em detalhes preciosos, comentando fatos e referindo-se a gente de sua geração. Nesses instantes, ele se transfigura e perde aquele ar pontifical do historiador cioso do que relata. Hipnotizado por si mesmo auto-sugestionado, entra em verdadeiro transe, transportando-se a idos que, através do aprumo e simplicidade de sua palavra, ganham facilmente nitidez de contornos, tomam cores tão vivas que se suspeita tenham passado por um prisma de cristal.

A metrópole não conseguiu sofisticá-lo. Os países por onde andou numa peregrinação diplomática ou num turismo de inteligência sedenta de horizontes, não o desfiguraram em nada. Pelo contrário, vacinaram-no contra a varíola do orgulho e o tornaram, não um cosmopolita ou cidadão do mundo, mas um cearense cada dia mais típico, mais apegado ao chão, mais carinhoso para com sua terra e seus conterrâneos. A universalidade de suas idéias não lhe roubou a concentração das pupilas sobre o ponto geográfico em que nasceu.

Conversai com ele e tocai no Ceará!

Os olhos marejam lágrimas. A voz se humedece também. O coração vem à tona. A rede nervosa se torna toda antenas para captar o que dela dizem e irradiar o que dela conhece.

É preciso conhecer de perto a Gustavo Barroso para entender-lhe a pelúcia do estofo. Seria talvez de bom alvitre acompanhá-lo nas suas sortidas do Rio para Fortaleza, onde se aninha no fundo de uma rede altas horas, aquecendo moços e velhos na lareira sempre espevitada de sua memória. Aqui, ele se sente como na sua casa, o solar antigo, a mansão das doces reminiscências...

Anda a pé, contando passadas diante de cada prédio respeitado pela iconoclastia moderna. Come garoupa cozida com caju azedo. Mexe paneladas em terreiros. Descalça-se para fazer fio de terra e descarregar a estática das alturas. Colhe pitombas na árvore. Troca palavra minutos sem conta com os Zé Ninguém de seu tempo, que são para si genuínos Zé-Tudo. Assiste fandangos e bumba-meu-boi. Tira sonecas em alpendres de casa de comboeiros. Vive e sonha no enleio epitalâmico de um poeta exilado que se permite comungar de quando em vez a sua própria terra, nessa geofagia sentimental ou consubstanciação do homem com o solo, de que advém, como exemplo, o amor de pátria, o patriotismo.

Quanto mais lhe põem comendas no peito e o cingem de fitas sobremodo honrosas, mais acessível fica. O porte de gigante é a sombra exageradamente oblíqua do liliputiano em que naturalmente se torna para que, ombreado com os demais, não exija mesuras ou imponha esforços de conversação.

Vive em Copacabana. Mas como adora as fruteiras de Messejana.

Gustavo Barroso é um Pequeno Príncipe. Déem-lhe a mão, num gesto de companheirismo e cedo entrarão com ele no reino encantado de Saint Exupéry.